

RELATO DE EXPERIÊNCIA: MONITORIA NAS DISCIPLINAS DE TEORIAS DA HISTÓRIA II

FERNANDO ANTÔNIO DE OLIVEIRA BROD¹;
MÁRCIA JANETE ESPIG²

¹*Universidade Federal de Pelotas – fernando_brod@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – marcia.espig@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Abordar-se-á no presente trabalho um breve relato acerca das experiências vivenciadas e das atividades desenvolvidas na seara do Programa de Monitoria da Universidade Federal de Pelotas, relativas às disciplinas de Teorias da História II durante semestre letivo de 2022/2, ofertadas pelo Departamento de História da mesma Instituição às modalidades de licenciatura e bacharelado do curso. Indica-se, desta forma, o caráter híbrido do semestre supracitado, considerando sua divisão em quinze (15) encontros presenciais e três (03) atividades assíncronas via plataforma E-Aula, contexto evidenciado em razão da correção do calendário dos cursos presenciais da UFPel, após os atrasos consequentes à pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2). Portanto, a realização das tarefas se deu entre os meses de março a maio do ano de 2023, sob coordenação da professora Drª. Márcia Janete Espig.

Considerando as características particulares da dinâmica de monitoria discente, pode-se constatar sua consolidação e ampliação nas universidades do país a partir da Lei nº 5.540, de 1968, responsável por implementar o programa. Neste sentido, podemos observar as diferentes perspectivas creditadas ao aluno-monitor, seja a percepção do trabalho deste como parte da formação docente para as Instituições de Ensino Superior, como indica o Programa de Iniciação à Docência, exemplificado na UFRN (DIAS, 2007, p.38-42), ou como uma qualificação do ensino universitário, tanto para a disciplina na qual o monitor atua, quanto para seu desenvolvimento profissional. (NUNES, 2007 apud DANTAS, 2014, p. 570). Atenta-se também para a importância da participação destes acadêmicos na organização das aulas, na elaboração do processo avaliativo junto ao docente responsável, nas possíveis problemáticas trabalhadas em sala, bem como no auxílio aos demais colegas. Salienta-se, contudo, que

(...) não cabe expor o estudante-monitor a situações estranhas a esse processo de formação como, por exemplo, substituir o professor, avaliar os colegas estudantes, desenvolver pesquisas ou coleta de dados que não tenham relação de pertinência com a atividade docente (DIAS, 2009, p.41).

Outrossim, no que concerne à participação do monitor junto à turma, é necessário pensarmos no conceito de cultura escolar. Abordado por Agustín Escolano Benito (2017, p.34-35), aponta-se para a necessidade da análise de maneira sistemática das nuances de uma sala de aula, almejando assim nos situarmos de acordo com suas especificidades, buscando intervir de maneira apropriada enquanto professores/as. Isto posto, nota-se que o aluno nessa posição, além de estar habituado à sociabilidade acadêmica, muitas vezes já mantém contato com os pares

que irá auxiliar durante o programa de monitoria, cenário que permite um melhor manejo das atividades a serem desenvolvidas.

Ademais, ressalta-se também a centralidade da disciplina de Teorias da História II para a formação do/a bacharelando/a e do/a professor/a de história. Como advoga o professor Fernando Seffner (2000, p.257-263), um dos maiores desafios da formação docente e das práticas pedagógicas desenvolvidas nos cursos de graduação em História é a falta de lucidez sobre os conceitos teóricos e metodológicas da produção historiográfica e do ensino de história. Finalmente, aponta-se que é de suma importância o amparo gerado pela monitoria no desenvolvimento dos saberes que constituem os preceitos teóricos do ofício do historiador, levando em consideração que tal programa pode ser considerado um qualificador das propostas de ensino-aprendizagem.

2. METODOLOGIA

As atividades desenvolvidas no âmbito da monitoria se caracterizaram pela prática de dinâmicas complementares, sendo elas o acompanhamento gradual dos discentes e a possibilidade de agendamentos prévios via e-mail, somada à aplicação das atividades programáticas e a produção de revisões temáticas acerca dos conteúdos. Em um primeiro momento é pertinente evidenciarmos que, tanto o acompanhamento presencial da disciplina, quanto os atendimentos individuais propostos, não surtiram repercussões junto ao alunado, contexto que gerou a necessidade de uma intervenção de caráter coletivo.

Em face do exposto, e a partir do diálogo com a professora coordenadora, elaborou-se duas diferentes propostas de revisão dos componentes obrigatórios da disciplina. No decorrer do semestre se produziu um questionário composto por doze (12) questões, publicado na plataforma do E-Aula, abarcando os conteúdos trabalhados. Nesse espaço os discentes poderiam efetuar duas tentativas e ao fim receberiam um *feedback* a respeito de cada uma das questões, destacando-se trechos do texto utilizado como base para elaboração das mesmas, fato que lhes permitia assim uma revisão direcionada dos principais eixos temáticos do conteúdo.

Imagen 1 – Exemplo de pergunta utilizada no Questionário (E-Aula)

A partir da leitura do capítulo O Que os Historiadores devem a Karl Marx, de Eric Hobsbawm (2013), identifique algumas das principais contribuições das ideias de Marx, segundo o autor, para a evolução de uma perspectiva social e econômica da historiografia:

- A. Sua principal contribuição se deu através dos ideais socialistas, desenvolvidos a partir do *Manifesto do Partido Comunista*;
- B. A teoria da "Base e Superestrutura", conceito que aborda os diferentes níveis de interações das sociedades e a forma como ocorrem as mudanças ou transformações nas mesmas;
- C. O determinismo econômico, advogando que a história da humanidade se caracterizaria pela sucessão de sistemas socioeconômico;
- D. A psicologia histórica, evidenciando os modos de pensar e sentir dos indivíduos de cada sociedade.

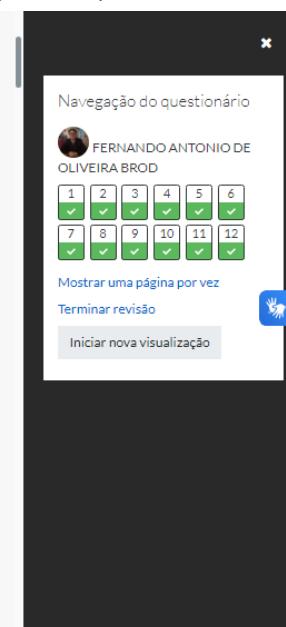
Sua resposta está correta.

Resposta correta B.

Podemos considerar a teoria da Base e Superestrutura, de acordo com Eric Hobsbawm, como uma das principais contribuições das ideias de Marx para a historiografia contemporânea, pois a mesma permite identificarmos as mudanças e/ou transformações que ocorrem nas sociedades. (HOBBSBAWM, 2013, p.159-162)

A resposta correta é:

A teoria da "Base e Superestrutura", conceito que aborda os diferentes níveis de interações das sociedades e a forma como ocorrem as mudanças ou transformações nas mesmas;



Navegação do questionário

FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA BROD

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12

Mostrar uma página por vez

Terminar revisão

Iniciar nova visualização



Finalmente, almejando ampliar os resultados obtidos através do questionário, pensou-se também em um segundo momento de recapitulação dos temas junto às turmas (bacharelado e licenciatura), sendo agendado, uma semana antes da avaliação final respectiva de cada grupo, um encontro para este intento. Em consequência disto, desenvolveu-se uma apresentação em PowerPoint englobando pontos chave do conteúdo, passando previamente, porém, pela análise da professora responsável. Aponta-se que ambos encontros tiveram adesão ampla do alunado, contexto que propiciou uma revisão pertinente dos assuntos relativos à disciplina.

Imagen 2 – Registro de Tela dos tópicos da Apresentação

<p>O que os Historiadores devem a Karl Marx?</p> <p>Eric Hobsbawm</p> <ul style="list-style-type: none">• Contribuição importante e ampla das ideias de Marx;• Reinterpretações e simplificação de seu pensamento: Marxismo Vulgar;• Contribuição principal: Base e Superestrutura; perspectiva do desenvolvimento/transformações sócioeconômicas. 	<p>A Escola dos Annales (Primeira Geração)</p> <ul style="list-style-type: none">• Antecedentes;• Marc Bloch e Lucien Febvre;• Interdisciplinaridade;• História problema;• Expansão das fontes;• Ciências sociais e geografia.  
<p>A Escola dos Annales (Segunda Geração)</p> <ul style="list-style-type: none">• Fernand Braudel;• História de Longa Duração;• Geo-história;• Revolução quantitativa;• Desinteresse com as mentalidades. 	<p>Pós Annales</p> <ul style="list-style-type: none">• Hiperespecialização em decorrência dos PPGs;• Isolamento dos historiadores em suas dimensões de pesquisa;• Dimensão X Abordagem X Domínio;• Necessidade de manter a interdisciplinaridade e a harmonia entre as dimensões na pesquisa. 

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao considerarmos as experiências vivenciadas durante o semestre 2022/2 e as atividades desenvolvidas no mesmo, cabe-nos indicar que as intervenções coletivas surtiram demasiado efeito, em detrimento dos atendimentos individualizados, cenário que propiciou a construção do conhecimento de maneira coletiva junto às turmas. Destaca-se, porém, auxílios pontuais via e-mail no que concerne às atividades programáticas aplicadas ao longo da disciplina. Por fim, reafirma-se a importância dos Programas de Monitorias, bem como sua necessidade em cadeiras com caráter voltado para a instrumentalização do conhecimento teórico-metodológico, como Teorias da História II, visto sua centralidade no processo de formação do/a bacharelando/a e professor/a de História.

Em virtude do exposto, aponta-se ainda a importância deste projeto para a formação e capacitação do aluno-monitor, enquanto futuro docente, da mesma forma em que se qualificam as atividades e resultados característicos da disciplina. Finalmente, pode-se atentar que o objetivo final da monitoria nada mais é que “(...) uma ação que visa contribuir com a melhoria da qualidade do ensino de graduação” (NUNES, 2007, p. 51).



4. CONCLUSÕES

De acordo com o relato supracitado se pode evidenciar as principais tarefas realizadas ao longo do Programa de Monitoria da Universidade Federal de Pelotas, direcionando-nos para duas conclusões principais. No que concerne às características da disciplina de Teorias da História II, o desenvolvimento de atividades e revisões em grupo se demonstrou exitoso e propício para a construção dos saberes, demonstrando-se a importância da plataforma E-Aula neste processo e dos materiais elaborados.

Por fim, ressalta-se que a monitoria é um espaço propício para o aperfeiçoamento profissional do aluno-monitor, uma vez que nela somos capazes de aprimorar nossas potencialidades, bem como serve de amparo à qualificação da disciplina em análise e, consequentemente, do ensino universitário como um todo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENITO, Agustín Escolano. Aprender Pela Experiência. In: **A Escola como Cultura: Experiência, memória e arqueologia**. Campinas: Editora Alínea, 2017. Cap. 1, p.29-106.

DANTAS, Otilia Maria. Monitoria: fonte de saberes à docência superior. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**. (online). Brasília, v. 95, n. 241, p. 567-589, set./dez. 2014.

DIAS, Ana Maria Iorio. A Monitoria como elemento de iniciação à docência: ideias para uma reflexão. In: SANTOS, Mirza Medeiros., LINS, Nostradamos de Medeiros (orgs.). **A Monitoria como Espaço de Iniciação à Docência: Possibilidades e Trajetórias**. Coleção Pedagógica. Natal: EDUFRN, 2007. p. 45-57.

NUNES, João Batista Carvalho. Monitoria acadêmica: espaço de formação. In: SANTOS, Mirza Medeiros; LINS, Nostradamos de Medeiros (orgs.). **A Monitoria como Espaço de Iniciação à Docência: Possibilidades e Trajetórias**. Coleção Pedagógica. Natal: EDUFRN, 2007. p. 45-57.

SEFFNER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de História. In: GUAZZELLI, Cesar et al (orgs.). **Questões de teoria e metodologia da História**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000. p.257-288.